



## SÍNTESE DE NOTÍCIAS Nº 0293/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA  
RIADE, 27/10/2025

### Rei Hamad do Bahrein recebe ministro saudita



O Rei Hamad do Bahrein recebeu ontem domingo o ministro de Estado saudita, Príncipe Turki bin Mohammed bin Fahd bin Abdulaziz, no Palácio Al-Safriya.

O Rei Hamad do Bahrein recebeu ontem domingo o ministro de Estado saudita, Príncipe Turki bin Mohammed bin Fahd bin Abdulaziz, no Palácio Al-Safriya.

O Rei deu as boas-vindas ao Príncipe Turki e observou as relações distintas entre seus países, informou a Agência de Imprensa Saudita.

O Príncipe Turki transmitiu as saudações do Rei Salman e do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, e o Rei Hamad também enviou suas saudações à liderança saudita. **Fonte-Arab News.**

## Reino da Arábia Saudita lidera reunião de solução de dois Estados



Realizado em parceria com a União Europeia e a Noruega, como co-presidentes, representantes de países, organizações regionais e internacionais também estiveram presentes.

O Reino da Arábia Saudita sediou ontem domingo uma reunião sobre a implementação de uma solução de dois Estados na Palestina. Manal bint Hassan Radwan, representou o Ministério das Relações Exteriores da Arábia Saudita na reunião e afirmou o compromisso do Reino em alcançar a paz, o Estado e a estabilidade para os palestinos. Ela enfatizou que o estabelecimento de um Estado palestino representa uma prioridade regional e internacional e responsabilidade moral, e uma condição fundamental para manter a segurança e a paz regionais e internacionais.

A reunião de Riade se propôs a estabelecer as bases para um programa de trabalho abrangente e implementável para gerenciar o estabelecimento de um Estado palestino com Jerusalém Oriental como capital e alcançar segurança e estabilidade para todos os povos e países da região. O apelo para que a comunidade internacional forneça apoio financeiro urgente à luz da retenção contínua das receitas de compensação palestinas foi renovado na reunião. Realizada em parceria com a União Europeia e a Noruega, como co-presidentes, representantes de países, organizações regionais e internacionais também estiveram presentes. **Fonte-Arab News.**

## Reino da Arábia Saudita assina convenção da ONU contra crimes cibernéticos



Secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, na assinatura do CAC: 'No ciberespaço, ninguém está seguro até que todos estejam seguros.

O Reino da Arábia Saudita assinou a Convenção da ONU contra o Cibercrime, juntando-se a outros 64 países para endossar o primeiro pacto de combate ao crime da ONU em mais de 20 anos. Representado por Majed bin Mohammed Al-Mazyed,

governador da Autoridade Nacional de Segurança Cibernética, a assinatura do Reino é uma continuação de seu papel no apoio aos esforços internacionais para aumentar a segurança e a estabilidade no ciberespaço e consolidar a cooperação internacional no combate ao crime cibernético.

Aprovado pela Assembleia Geral da ONU em dezembro de 2024 após cinco anos de negociação, o CAC estabelece a primeira estrutura mundial para processar crimes online, que vão desde ransomware e fraude financeira até a distribuição não autorizada de imagens íntimas. Na cerimônia de assinatura, o secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, disse que, embora a tecnologia tenha trazido "progresso extraordinário", ela também criou novas vulnerabilidades. "Todos os dias, golpes sofisticados fraudam famílias, roubam meios de subsistência e drenam bilhões de dólares de nossas economias", disse Guterres. "No ciberespaço, ninguém está seguro até que todos estejam seguros. Uma vulnerabilidade em qualquer lugar pode expor pessoas e instituições em todos os lugares."

Guterres disse que a convenção é uma vitória para as vítimas de abuso online e um caminho claro para investigadores e promotores permitirem justiça para crimes transnacionais onde as evidências abrangem jurisdições. Este tratado multilateral - o primeiro instrumento de combate ao crime da ONU em mais de duas décadas - surge em um momento em que as ameaças cibernéticas aumentam rapidamente. Tem como objectivo fortalecer as medidas preventivas, a cooperação internacional e a capacitação especializada. A convenção criminaliza actos como acesso não autorizado ao sistema, interferência ou corrupção de dados e agressão sexual online de crianças. A Autoridade Nacional de Segurança Cibernética, como entidade dedicada à segurança cibernética do Reino e órgão de referência nacional, trabalha para salvaguardar os interesses nacionais, a infraestrutura, a segurança do Estado e também representa o Reino da Arábia Saudita em fóruns bilaterais, regionais e internacionais de segurança cibernética, ao mesmo tempo em que supervisiona a implementação dos compromissos globais do Reino neste domínio. **Fonte-Arab News.**

## Reino da Arábia Saudita saúda acordo de cessar-fogo ampliado entre Tailândia e Camboja



O primeiro-ministro da Malásia, Anwar Ibrahim, e o presidente dos EUA, Donald Trump, aplaudem enquanto o primeiro-ministro da Tailândia, Anutin Charnvirakul, e o primeiro-ministro do Camboja, Hun Manet, seguram um documento, durante a assinatura de um acordo de cessar-fogo, em 26 de outubro de 2025.

O Reino da Arábia Saudita saudou ontem domingo um acordo de cessar-fogo ampliado entre a Tailândia e o Camboja, informou a Agência de Imprensa Saudita. Os líderes de ambos os países assinaram um acordo de cessar-fogo, presenciado pelo presidente dos

EUA, Donald Trump, que está na Malásia para uma cúpula da ASEAN. O primeiro-ministro tailandês, Anutin Charnvirakul, e seu colega cambojano, Hun Manet, assinaram o acordo em uma cerimônia de cessar-fogo em frente a uma placa que dizia "Entregando a paz", com base em uma trégua assinada há três meses.

Trump ajudou a mediar o fim do conflito de cinco dias em julho, ligando para os então líderes dos dois países e instando-os a encerrar as hostilidades ou arriscar que suas respectivas negociações comerciais com Washington fossem suspensas. O Ministério das Relações Exteriores do Reino "aprecia todos os esforços feitos para resolver a disputa fronteiriça entre os dois países e abrir caminho para uma paz sustentável que atenda às aspirações de ambos os países e seus povos". O Reino reiterou seu total apoio aos esforços diplomáticos destinados a resolver disputas por meios pacíficos que garantam o estabelecimento da paz e segurança internacionais. **Fonte-Arab News.**

### **Chefe da MWL visita o Sudão e discute conscientização religiosa**



O Dr. Mohammed bin Abdulkarim Al-Issa, secretário-geral da Liga Mundial Muçulmana, encontrou-se com uma delegação de acadêmicos sudaneses durante a sua recente visita oficial ao Sudão. A reunião contou com a presença do primeiro-ministro do Sudão, Kamil Idris. Tópicos de interesse mútuo foram discutidos, com foco no papel dos estudiosos no fortalecimento da unidade nacional e na promoção da consciência religiosa entre todos os sectores da sociedade. **Fonte-Arab News.**

### **Exercício naval saudita e chinês é concluído em Jubail e fortalece a prontidão marítima**

O exercício naval conjunto Blue Sword-4, conduzido pelas Forças Navais Reais Sauditas e pela China, foi concluído em Jubail. O exercício incluiu cenários e exercícios de campo, como combate em áreas construídas, patrulhas, ataques, emboscadas, contraterrorismo e operações de recuperação de tripulantes e reféns. Também contou com detecção e descarte de minas subaquáticas, exercícios de descida por corda com helicópteros Super Puma e treinamento de fogo real com armas leves, tiro de atirador e exercícios de tiro tático. O exercício teve como objectivo fortalecer a cooperação militar, trocar conhecimentos e melhorar a prontidão para o combate. Também se concentrou no desenvolvimento de capacidades em contraterrorismo marítimo, supressão da pirataria, remoção de minas e combate a sistemas aéreos táticos não tripulados. **Fonte-Arab News.**

## Centenas de sírios na Líbia aceitam oferta de passagens gratuitas para casa



Cidadãos sírios esperam em um escritório de serviço filiado à Embaixada da Síria em Trípoli depois que o Ministério das Relações Exteriores da Síria anunciou que concederá passagens de volta gratuitas a seus cidadãos que desejam deixar a Líbia, em 25 de outubro de 2025.

Centenas de refugiados sírios que vivem na Líbia se aglomeraram em uma agência de viagens em Trípoli para aproveitar uma oferta de passagens gratuitas para Damasco. Mais de 700 sírios, muitos deles residindo na Líbia há anos depois de fugir da guerra civil de seu país, vieram buscar passagens e passes de viagem da agência encomendada pelas novas autoridades em Damasco. Ao todo, milhares aceitaram a oferta desde que o Ministério das Relações Exteriores da República Árabe da Síria a anunciou pela primeira vez. Em meados de agosto, uma delegação de Damasco reabriu simbolicamente a embaixada, que havia sido fechada em 2012, mas actualmente não oferece serviços consulares.

Embora não haja um censo oficial de sírios na Líbia, milhares de famílias vivem no país há décadas, com milhares chegando desde o início da guerra civil síria em 2011, muitas esperando cruzar o Mediterrâneo para a Europa. **Fonte-Reuters.**

## Jordânia não aceitará violações israelenses em andamento na Cisjordânia, diz Rei Abdullah



O Rei Abdullah II da Jordânia fez ontem domingo um discurso inaugurando a segunda sessão do 20º Parlamento.

O Rei Abdullah II da Jordânia reafirmou o apoio aos palestinos na costa da Faixa de Gaza e condenou as violações israelenses na Cisjordânia ocupada. Durante um discurso de inauguração da segunda sessão do 20º Parlamento, ele também abordou os sistemas

de educação e saúde, modernização do sector de transporte e planos para megaprojectos, atração de investimentos, criação de empregos e melhoria dos padrões de vida. "Hoje, somos testemunhas da tragédia sofrida por nossos irmãos e irmãs em Gaza, que continuam a perseverar. A eles dizemos: estamos com vocês como irmãos, apoiando-os com tudo o que pudermos", disse o Rei Abdullah. Ele disse que Amã continuará a enviar ajuda humanitária e fornecer serviços médicos essenciais aos palestinos em Gaza. "Também não aceitaremos a continuação das violações na Cisjordânia. A postura dos jordanianos é firme e inflexível, assim como sua nação", disse ele. A Jordânia, acrescentou, manterá seu papel na salvaguarda dos locais sagrados muçulmanos e cristãos de Jerusalém sob a custódia hachemita.

O Rei Abdullah foi recebido ontem domingo com uma cerimônia oficial no Parlamento, acompanhado pelo Príncipe herdeiro Hussein, onde foi recebido pelos chefes dos três ramos do governo. A rainha Rania, membros da família real, altos funcionários e diplomatas também participaram na sessão de abertura do Parlamento. **Fonte-Arab News.**

## Presidente palestino, Mahmoud Abbas, nomeia sucessor "em caso de vacância"



O presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas, fala por vídeo durante a Assembleia Geral das Nações Unidas, em 25 de setembro de 2025.

O presidente palestino, Mahmoud Abbas, nomeou o seu vice, Hussein Al-Sheikh, como sucessor para substituí-lo "em caso de vacância". Abbas, de 89 anos, declarou ontem domingo que, em caso de vacância na presidência da Autoridade Palestina e ausência do Conselho Legislativo, o vice-presidente da Organização para a Libertação da Palestina assumirá o cargo. O parlamento não funciona desde que a Suprema Corte o dissolveu em 2018. A nova declaração constitucional significa que Al-Sheikh, que Abbas nomeou como primeiro vice-presidente da OLP em abril deste ano, pode se tornar presidente da Palestina se certas condições forem cumpridas.

Abbas, uma figura veterana do movimento Fatah, tem sido activo no movimento nacional palestino desde meados da década de 1960. Ele se tornou o segundo presidente da Autoridade Palestina em 2005, após a morte de Yasser Arafat. Ele foi reeleito em 2008, a última vez que os palestinos realizaram eleições, já que um cisma nacional entre o Fatah e o Hamas, juntamente com a política israelense de não permitir eleições em Jerusalém, impediu que as eleições fossem realizadas novamente.

Al-Sheikh assumirá temporariamente as funções de presidente por não mais de 90 dias, período durante o qual serão realizadas eleições para eleger um novo presidente, conforme a declaração. Caso as eleições não possam ser realizadas a tempo "devido a força maior", o Conselho Central Palestino pode estender o período por apenas um mandato adicional. "No supremo interesse nacional em preservar a estabilidade, emitimos esta declaração constitucional para afirmar o princípio da separação de poderes e a transferência pacífica de poder por meio de eleições livres e justas", disse o comunicado de Abbas. **Fonte- Agência de notícias Wafa.**

## Liberdade do líder preso do PKK é "crucial" para o processo de paz



Esta fotografia mostra um retrato recortado do líder preso do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), Abdullah Öcalan, durante uma cerimônia na área de Qandil, no norte do Iraque, onde o grupo militante anunciou sua retirada completa das forças da Turquia, em 26 de outubro de 2025.

Garantir a libertação do fundador militante curdo PKK é "crucial" para o sucesso do processo de paz emergente com a Turquia, disse um dos principais líderes do grupo. A "liberdade de Abdullah Öcalan é crucial para que este processo avance com maior eficácia", disse Devrim Palu à AFP em uma entrevista no norte do Iraque, depois que o PKK disse que estava retirando todos os seus combatentes da Turquia. **Fonte-AFP.**

## Irão declara falência de um dos maiores Bancos privados



Banco Ayandeh tinha ficado paralisado recentemente devido a perdas acumuladas equivalentes a cerca de 5,2 mil milhões de dólares.

O Irão declarou no passado sábado falência de um dos maiores bancos privados do país por perdas acumuladas de 5,2 mil milhões de dólares (4,5 mil milhões de euros), e os activos foram absorvidos por uma instituição financeira estatal. O Banco Ayandeh tinha

ficado paralisado recentemente devido a perdas acumuladas equivalentes a cerca de 5,2 mil milhões de dólares e dívidas de cerca de 2,9 mil milhões de dólares (cerca de 2,5 mil milhões de euros).

Hamidreza Ghaniabadi, funcionário do Banco Central iraniano, disse à agência IRNA que as "dívidas incobráveis" provocaram a falência. "Mais de 90% dos fundos do Banco Ayandeh foram atribuídos a entidades ligadas ao próprio banco ou a projectos por ele administrados, que nunca foram reembolsados", explicou Ghaniabadi.

O Banco Ayandeh, fundado em 2012, sustentou projectos luxuosos como o enorme Iran Mall, um complexo comercial em Teerão que inclui uma pista de patinagem no gelo e vários cinemas. A entidade contava com uma rede de 270 agências em todo o país, 150 delas em Teerão, que foram absorvidas pelo Banco Meli, estatal. "A transferência do Banco Ayandeh para o Banco Meli já foi concluída", declarou hoje à televisão estatal o director da entidade financeira pública, Abolfazl Najarzadeh.

O Banco Meli assumiu a partir de hoje a responsabilidade pelas contas dos clientes do agora extinto Ayandeh. Além do Banco Ayandeh, outras cinco instituições, Sarmayeh, Day, Sepah, Iran Zamin e Melal, também enfrentam dificuldades financeiras. O sector bancário iraniano foi afectado pelas sanções americanas impostas ao país desde 2018 devido ao programa nuclear de Teerão, depois que os Estados Unidos abandonaram o acordo nuclear de 2015, assinado também pela França, Alemanha, Reino Unido, Rússia e China. Às medidas punitivas dos Estados Unidos somaram-se seis resoluções da ONU, aprovadas contra o Irão entre 2006 e 2010 e reimpostas no final de setembro, que proíbem o país de enriquecer urânio e realizar actividades balísticas. Também estabelecem um embargo de armas e o congelamento de activos e autorizam inspecções de aeronaves e navios iranianos em águas internacionais, além de impor limitações bancárias e financeiras. **Fonte-Correio da Manhã.**

## EUA veem oportunidade na expansão de laços estratégicos com o Paquistão, diz Rubio



O secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio (à direita), cumprimenta o primeiro-ministro do Paquistão, Shehbaz Sharif (à esquerda).

O secretário de Estado, Marco Rubio, disse que os Estados Unidos (EUA) veem uma oportunidade em expandir seu relacionamento estratégico com o Paquistão, o que não ocorre às custas dos laços de Washington com a Índia. A declaração de Rubio veio em resposta a uma pergunta em uma colectiva de imprensa no passado sábado se a Índia havia levantado alguma preocupação sobre o "relacionamento mais forte" entre

Washington e Islamabad. As relações entre os EUA e o Paquistão tiveram altos e baixos significativos, mas os dois países se aproximaram nos últimos meses depois que o presidente Donald Trump negociou um cessar-fogo entre o Paquistão e a Índia após o conflito militar de quatro dias em maio.

Líderes civis e militares paquistaneses ganharam o favor de Trump desde que o endossaram publicamente para o Prêmio Nobel da Paz pelo cessar-fogo, com o presidente dos EUA reduzindo significativamente as tarifas comerciais sobre o Paquistão de 29% para 19% em julho deste ano. "Eles realmente não o fizeram - quero dizer, sabemos que eles estão preocupados por razões óbvias por causa das tensões que existiram entre o Paquistão e a Índia historicamente. Mas acho que eles precisam entender que temos que ter relações com muitos países diferentes", disse Rubio.

"Vemos uma oportunidade de expandir nosso relacionamento estratégico com o Paquistão, e acho que fizemos - esse é o nosso trabalho, é tentar descobrir quantos países podemos encontrar como podemos trabalhar em coisas de interesse comum." Em setembro, a empresa americana US Strategic Metals (USSM) e a Frontier Works Organization (FWO) do Paquistão assinaram um acordo de US \$ 500 milhões para colaboração em uma variedade de minerais essenciais para as indústrias de defesa, aeroespacial e tecnologia.

"A parceria começará imediatamente com a exportação de minerais prontamente disponíveis do Paquistão, incluindo antimônio, cobre, ouro, tungstênio e elementos de terras raras. Essa cooperação estabelece as bases para a expansão em direção ao estabelecimento de uma refinaria polimetálica proprietária do USSM e altamente flexível no Paquistão", disse o gabinete do primeiro-ministro Shehbaz Sharif. "A refinaria produzirá produtos intermediários e acabados dedicados a atender à crescente demanda do mercado dos EUA. A primeira fase deste acordo está prevista em aproximadamente US \$ 500 milhões em investimentos no sector de minerais críticos do Paquistão.

Os próximos passos do MoU incluem a formação de equipes dedicadas para explorar todo o potencial da vasta base de recursos do Paquistão, identificando minerais críticos para exportação imediata e construindo uma posição de âncora para uma parceria de longo prazo em exploração, extração e processamento.

Os minerais críticos são um grupo selecto de minerais e metais não combustíveis essenciais para a fabricação moderna, avanços tecnológicos e a transição para tecnologias de energia limpa, como painéis solares e veículos eléctricos, mas estão sujeitos a vulnerabilidades da cadeia de suprimentos.

Embora o Paquistão seja rico em reservas de ouro, cobre e lítio, bem como outros minerais, seu sector mineral contribui com apenas 3,2% para o PIB do país e 0,1% para as exportações globais, de acordo com dados oficiais. Em agosto, autoridades paquistanesas e americanas também discutiram maneiras de fortalecer as ferrovias e a infraestrutura do Paquistão para apoiar a extração e o transporte de minerais, disse a embaixada dos EUA. **Fonte-Arab News.**

## A luta de médicos em Gaza para investigar 'sinais de tortura' em corpos devolvidos por Israel



Corpos de palestinos mortos são transferidos por caminhões refrigerados da Cruz Vermelha

Sem câmaras frias nem laboratório de DNA, a equipe forense do hospital Nasser, em Gaza, tenta identificar e examinar corpos devolvidos por Israel após o cessar-fogo. Nos últimos 11 dias, Israel devolveu 195 corpos palestinos em troca dos corpos de 13 reféns israelenses, conforme o acordo de cessar-fogo mediado pelo presidente americano Donald Trump. Fotografias divulgadas pelas autoridades médicas locais mostram alguns corpos em estado de decomposição avançada, muitos vestidos com roupas civis ou apenas com roupas íntimas. Muitos possuem múltiplos sinais de ferimentos e têm os pulsos amarrados atrás das costas. Outros, segundo relatam os médicos, chegaram vendados ou com panos amarrados ao pescoço.

Segundo o chefe da unidade, Ahmed Dheir, uma das principais limitações é a falta de espaço para refrigeração. Os corpos chegam a Gaza congelados e podem levar dias para descongelar. Nesse tempo, a decomposição começa, o que impede exames básicos de identificação como o histórico dentário, mas também exames mais complexos e detalhados, assim como autópsias.

"A situação é extremamente desafiadora", disse Dheir. "Se esperamos o descongelamento, a decomposição começa quase de imediato, o que nos impede de examinar os restos adequadamente. Por isso, a solução mais viável é coletar amostras e documentar o estado dos corpos tal como chegam." A BBC analisou dezenas de fotos dos corpos, muitas delas compartilhadas pelas autoridades de saúde de Gaza e outras feitas por profissionais locais. Além disso, a reportagem ouviu médicos do hospital, familiares de desaparecidos, grupos de direitos humanos e autoridades israelenses. Três especialistas forenses externos, incluindo um especialista em tortura, também foram consultados. Todos concordaram que as dúvidas só poderiam ser esclarecidas com autópsias completas. "Com base em imagens como essas, é imperativo realizar autópsias completas. Precisamos conhecer a verdade sobre como as mortes ocorreram, e a única forma de saber é por meio das autópsias", afirma Pollanen. Mesmo com dados forenses limitados, médicos do hospital Nasser dizem que o padrão de algemar os pulsos atrás do corpo, somado às marcas observadas nos membros, indica tortura. "Quando uma pessoa está nua, com as mãos amarradas atrás das costas e marcas visíveis de contenção nos pulsos e tornozelos, isso indica que morreu nessa posição", disse o médico Ahmed Dheir. "É uma violação do direito internacional." **Fonte-BBC News Brasil.**

## Por que é tão difícil que Hamas se desarme e desapareça após governar Gaza com mão de ferro por quase 20 anos



Como é possível que um grupo que governou a Faixa de Gaza por quase 20 anos, dirigindo a vida de dois milhões de palestinos com mão de ferro e combatendo Israel em diversas guerras, abandone repentinamente as armas e ceda o controle sobre o território? A julgar pelo fluxo constante de imagens horripilantes que surgem da Faixa de Gaza desde o início do cessar-fogo, no dia 10 de outubro, o Hamas parece decidido a reafirmar sua autoridade. Seus homens mascarados foram vistos de volta às ruas, atingindo e executando seus opositores. Pelotões de fuzilamento improvisados executaram homens ajoelhados. Segundo afirmam, eles pertencem a grupos rivais, incluindo alguns dos poderosos clãs de Gaza. Outras vítimas, aterrorizadas, são alvo de disparos nas pernas ou apanham de porrete.

Algumas das pessoas atacadas pelo Hamas faziam parte de grupos envolvidos no saque e desvio de ajuda enviada à população, agravando ainda mais a crise humanitária, segundo declarou à BBC um trabalhador do sector. A ONU também acusou gangues de roubar doações. Este ainda não é o mundo no qual, como prevê o plano de paz de 20 pontos para Gaza do presidente americano Donald Trump, os combatentes do Hamas deporão suas armas, submetendo-se a uma anistia, abandonando a Faixa de Gaza e entregando o poder a uma força de estabilização internacional.

A caminho de Israel, em 13 de outubro, Trump indicou que os Estados Unidos haviam dado luz verde para que o Hamas restabelecesse a ordem. O grupo é considerado terrorista pelos Estados Unidos, Reino Unido, Israel e por outros países. "Demos aprovação por algum tempo", declarou Trump aos jornalistas, a bordo do avião presidencial Air Force One. Mas, três dias depois, o presidente americano endureceu o tom. "Se o Hamas continuar matando pessoas em Gaza, o que não estava no acordo, não teremos escolha senão entrar e matá-los", postou Trump na sua plataforma Truth Social. Como fica, então, o Hamas nesta situação actual na Faixa de Gaza? E, em última instância, depois de dois anos de guerra que provocaram sofrimentos sem precedentes para o seu próprio povo e a morte violenta da maioria das suas principais figuras, o que reserva o futuro para o grupo, se é que existe algum?

### 'Falência total da lei e da ordem'

Os moradores de Gaza estão exaustos e traumatizados por dois anos de sofrimento incessante e uma guerra que matou mais de 68 mil pessoas no território, segundo o Ministério da Saúde local, administrado pelo Hamas. Para muitos deles, este terrível

desenlace gera nervosismo, mas não surpreende. Conversamos com diversos moradores de Gaza, incluindo trabalhadores do sector de ajuda humanitária, advogados e o ex-assessor de um dos líderes do Hamas. Cada um deles tem uma opinião diferente sobre a probabilidade de que o Hamas deponha as armas e renuncie ao controle. E até, considerando a situação de campo, se este é o momento certo para que isso aconteça.



**Palestinos comemoram na Faixa de Gaza, após o anúncio do cessar-fogo.**

"Foram dois anos de falência total da lei e da ordem", define a trabalhadora humanitária Hanya Aljamal, na sua casa em Deir al-Balah, no centro da Faixa de Gaza. "Precisamos que alguém tome o controle. O Hamas não está qualificado para governar a Faixa de Gaza, mas é uma opção melhor do que as gangues." Para Ahmad Yousef, ex-assessor de Ismail Haniyeh (1962-2024), que foi líder político do Hamas, é preciso ter mão firme neste momento. "Enquanto houver gente tentando fazer justiça pelas próprias mãos, precisamos de alguém que os assuste e os encurrale", afirma ele. Hoje, Yousef, dirige um centro de estudos em Gaza e mantém estreita relação com os líderes do Hamas.



**"O Hamas não está qualificado para governar a Faixa de Gaza, mas é uma opção melhor do que as gangues", afirma a trabalhadora humanitária Hanya Aljamal.**

"Isso levará tempo, [mas] não muito", prossegue Yousef. "Dentro de um mês, receberemos forças policiais e soldados da Turquia e do Egito. É nesse momento que eles irão depor suas armas." Ele se refere à força internacional de estabilização para Gaza, prevista no plano de paz, que poderá ser composta de tropas egípcias e turcas, entre outras. Outros moradores de Gaza se mostram mais cépticos e temerosos. Alguns deles não estão convencidos de que o Hamas irá renunciar ao poder ou às suas armas.

O advogado Moumen al-Natour, morador de Gaza que foi preso várias vezes pelo Hamas, é um deles.



**Muitos palestinos e israelenses duvidam que o Hamas esteja disposto a não desempenhar um papel político.**

Al-Natour está escondido desde julho, quando, segundo ele, homens armados e mascarados do Hamas entraram no seu apartamento, na Cidade de Gaza, e ordenaram que ele se apresentasse ao hospital al-Shifa para ser interrogado. "O Hamas está enviando uma mensagem para o mundo e para o presidente Donald Trump... de que não cederá o poder, nem entregará suas armas", afirma ele. "Se eu caísse nas mãos do Hamas agora, eles gravariam um vídeo e me matariam na rua, com um tiro na cabeça", declarou ele, em um dos vídeos enviados à BBC de um local não revelado da Faixa de Gaza. O muro atrás dele tem marcas de balas.



"É uma gangue, não um governo", declarou ele, sobre o Hamas. "Não quero que eles fiquem em Gaza... Não os quero no governo, nem na segurança. Não quero que suas ideias sejam difundidas nas mesquitas, nas ruas, nem nas escolas."

## **'Ainda é protagonista em Gaza'**

Al-Natour tem sua própria visão de como poderia ser a Faixa de Gaza. Na opinião dele, o conjunto desigual de milícias que, agora, estão sendo atacadas pelo Hamas poderia ser integrado a um novo aparato de segurança. Mas, com suas agendas opostas, seu passado às vezes obscuro e, em alguns casos, seus controversos vínculos com o exército israelense, a proposta se torna problemática. "O certo — e, às vezes, é muito difícil para os israelenses admitirem isso — é que o Hamas ainda existe e é protagonista em Gaza", afirma o ex-chefe do Departamento de Assuntos Palestinos da Inteligência Militar de Israel Michael Milshtein. "Confiar em grupos suspeitos, como clãs, milícias ou gangues, muitos deles criminosos, muitos deles filiados ao ISIS [o grupo autointitulado Estado

Islâmico], muitos deles implicados em atentados terroristas contra Israel, e considerá-los uma alternativa ao Hamas é uma ilusão."



**"O Hamas ainda existe e é protagonista em Gaza", afirma o ex-chefe do Departamento de Assuntos Palestinos da Inteligência Militar de Israel, Michael Milshtein.**

Funcionários do Hamas declararam que o grupo está disposto a ceder o controle político de Gaza. O plano de cessar-fogo de Trump, apoiado pelo Hamas, contempla o "governo transitório temporário de um comitê palestino tecnocrático e apolítico". Mas, mesmo se o grupo estiver disposto a renunciar ao seu papel político (algo de que muitos palestinos e israelenses ainda duvidam), convencer seus combatentes a depor as armas é um grande passo para uma organização cujo poder, mesmo antes de outubro de 2023, dependia, em grande parte, da força de suas armas.

## A ascensão do Hamas e sua mão de ferro

Para começar a responder a complexa pergunta sobre o que pode acontecer com o Hamas no futuro, é preciso analisar retrospectivamente como ele consolidou seu poder. Desde suas origens na década de 1980, como braço da Irmandade Muçulmana egípcia e rival da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), de caráter laico, o Hamas se transformou em um grupo militante violento, responsável pela morte de civis israelenses. Inicialmente, Israel ofereceu discreto apoio ao Hamas, que considerava útil em contraposição à OLP e sua facção dominante, o Fatah, então liderado por Yasser Arafat (1929-2004). "O principal inimigo era o Fatah, pois eram eles que exigiam um Estado palestino", afirma Ami Ayalon, ex-chefe do serviço de segurança nacional israelense Shin Bet. Mas, quando o Hamas lançou atentados suicidas com bombas contra israelenses, nas décadas de 1990 e 2000, Israel respondeu com uma série de assassinatos importantes. Uma violenta luta de poder com o Fatah deu o controle exclusivo da Faixa de Gaza ao Hamas, que venceu as eleições locais em 2006.



Seguiram-se 18 anos de governo do Hamas em Gaza. Eles foram marcados pelo bloqueio militar e econômico de Israel e por episódios de conflitos armados em 2008-2009, 2012, 2014 e 2021. Desde outubro de 2023, Israel afirma que "o Hamas é o ISIS".

Mas, até então, o governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu estava certo de que o Hamas não representava uma ameaça estratégica. "Sua política era gerenciar o conflito", destaca Ayalon. "Ele disse que não iremos resolvê-lo e que somos totalmente contrários à realidade de dois Estados. Por isso, a única solução é dividir e controlar."

Com o Hamas controlando Gaza e a Autoridade Palestina, liderada pelo seu presidente Mahmoud Abbas, governando parte da Cisjordânia ocupada, os palestinos permaneceram irremediavelmente divididos. Isso permitiu a Israel argumentar que eles não contavam com uma liderança unificada com quem negociar a paz. "Netanyahu fez todo o possível para apoiar o Hamas em Gaza", segundo Ayalon. "Ele deixou que o Qatar lhes enviasse... mais de US\$ 1,5 bilhão", cerca de R\$ 8,1 bilhões.

O dinheiro do Qatar se destinava a pagar os salários dos funcionários públicos e ajudar as famílias mais pobres. Mas os chefes de segurança receavam que ele fosse utilizado para outros fins. Ayalon acrescenta que "o director do Shin Bet e o chefe do Mossad previam que esse dinheiro se destinaria à infraestrutura militar". Netanyahu defendeu a autorização dos pagamentos ao Hamas, alegando que seu objectivo era ajudar a população civil.

## **O Hamas sempre se preparou para a guerra**

Como ficou brutalmente claro no dia 7 de outubro de 2023, o Hamas sempre esteve se preparando para a guerra. E em nenhum outro lugar isso era mais evidente do que na sua elaborada rede de túneis. Os túneis já haviam sido utilizados para lançar ataques contra posições do exército israelense durante o segundo levante palestino, ou "Intifada", iniciado no ano 2000. Em 2006, combatentes do Hamas utilizaram um túnel sob a fronteira com Israel para atacar um posto militar perto de Kerem Shalom, matando dois soldados israelenses e sequestrando um terceiro, Gilad Shalit.

Shalit ficou detido por cinco anos, até sua libertação em 2011. Em troca, foram libertados 1.027 prisioneiros palestinos — entre eles, Yahya Sinwar (1962-2024), que posteriormente planejava os ataques de outubro de 2023.



**Yahya Sinwar foi um dos líderes do Hamas que planejaram o ataque de 7 de outubro de 2023.**

Com o passar do tempo, a rede de túneis do Hamas se expandiu, passando a incluir oficinas, unidades de fabricação de armas e centros de comando. Os acontecimentos regionais também influenciaram o grupo. Em 2012, após a queda do ditador da Líbia Muammar Gaddafi (1942-2011) e a breve tomada do poder pela Irmandade

Muçulmana no Egito, o Hamas conseguiu contrabandear para Gaza armas cada vez mais sofisticadas. Elas incluíram metralhadoras para franco-atiradores, lança-foguetes móveis e equipamentos de fabricação de foguetes de longo alcance. Acredita-se que o Hamas tenha se beneficiado da ajuda de técnicos e combatentes com experiência na construção de túneis, em lugares como o Líbano e o Iraque.

O Irão também foi um aliado fundamental. O país considerava o Hamas um componente natural do seu "Eixo da Resistência", uma coalizão informal de grupos militantes em todo o Médio Oriente, que compartilhavam a mesma antipatia em relação a Israel e aos Estados Unidos. Em 2020, um relatório do Departamento de Estado norte-americano indicou que o Irão fornecia anualmente cerca de US\$ 100 milhões (cerca de R\$ 539 milhões, pelo câmbio actual) a grupos militantes palestinos, incluindo o Hamas.



**A rede de túneis do Hamas na Faixa de Gaza se expandiu ao longo do tempo.**

Afirma-se que alguns túneis foram escavados a uma profundidade de até 70 metros embaixo da terra. Sua construção teria levado anos, ao custo de dezenas de milhões de dólares cada um. Os túneis foram projectados para proteger o alto comando do Hamas e abrigar armas de longo alcance. Um especialista local com amplo conhecimento dos túneis declarou à BBC que o custo total do projecto atingiu cerca de US\$ 6 bilhões (cerca de R\$ 32,3 bilhões). É difícil obter números precisos, mas se acredita que a rede se estenda por até 400 km, em uma faixa de terra de apenas 42 km.

## **Túneis cercados de sigilo**

Falar abertamente sobre os túneis, seu custo ou sua localização poderia expor os moradores de Gaza a acusações de espionagem, gerando prisões e consequências ainda mais sérias. Mas muitos deles sabiam o que estava acontecendo. Os moradores locais conseguiam ver sinais reveladores, como a retirada de areia e argila, o surgimento inesperado de novas entradas e o transporte de máquinas durante a noite.

O que começou como uma resposta oportunista ao isolamento de Gaza se transformou, ao longo de três décadas, em um complexo industrial e militar com vários andares subterrâneos. Soube-se posteriormente que grande parte desse complexo foi dissimulado sob a infraestrutura civil de Gaza, incluindo hospitais, escolas e, no caso de um túnel que abriga um centro de dados do Hamas, a sede da Agência das Nações Unidas para Assistência aos Refugiados Palestinos no Oriente Próximo (UNRWA, na sigla em inglês) na Cidade de Gaza. Depois do ataque de 7 de outubro de 2023, quando combatentes do Hamas irromperam em Israel, matando 1,2 mil pessoas e tomando 251 como reféns, os túneis foram transformados em uma gigantesca prisão subterrânea.

Nem todos os reféns ficaram detidos nos túneis, mas muito deles, sim, especialmente com o prolongamento da guerra.

Um dos reféns que ficaram mais conhecidos é Eli Sharabi. Ele foi trasladado de uma casa segura para um túnel, após 52 dos seus 491 dias de cativo. "Eles amarraram nossas mãos e pernas com cordas", contou ele à BBC, no início de outubro. "Eu desmaiava de vez em quando, devido às dores. Uma vez, eles quebraram minhas costelas." Quando foi libertado, em fevereiro deste ano, Sharabi havia perdido mais de 30 kg.



O ex-refém israelense Eli Sharabi foi trasladado de uma casa segura para um túnel.

O Hamas usou os reféns como moeda de troca para conseguir acordos de cessar-fogo ou a libertação de palestinos detidos em prisões israelenses. Enquanto prosseguiram as negociações sobre seu destino, o Hamas difundiu em conta-gotas ao público israelense uma série de vídeos cruéis, frequentemente mostrando os reféns em situações de extrema angústia. Por fim, segundo Yousef, as pressões internas e externas obrigaram o Hamas a abandonar a estratégia. "O Qatar, o Egito e a Turquia, além da população dos acampamentos de deslocados, enviaram uma mensagem contundente aos líderes do Hamas: 'Basta!'"



Israel matou o poderoso líder do Hamas, Ismail Haniyeh, na capital iraniana, Teerão, em julho de 2024.

Paralelamente, Israel continua destruindo tudo o que pode da rede de túneis — frequentemente, demolindo também bairros de civis que se encontram na superfície. E a tarefa está longe de ser encerrada. "Segundo publicações do sistema de defesa, estima-se que 25% a 40% dos túneis sofreram danos", afirma o engenheiro civil israelense Yehuda Kfir, pesquisador sobre guerra subterrânea da Universidade Technion de Haifa, em Israel. "Sem dúvida, o Hamas deseja reabilitar sua infraestrutura, incluindo a restauração dos túneis que foram afetados, de diversas formas, pelas Forças de Defesa de Israel (FDI)."

## Liderança em ruínas

Restaurar os túneis é uma coisa, mas reconstituir a organização é outra.

Após os acontecimentos dos últimos dois anos, a liderança do Hamas está dilacerada. Israel fez todo o possível para eliminar as principais figuras políticas e militares do grupo, seja em Gaza, no Irão, no Líbano ou no Qatar. Dos seus líderes mais famosos e internacionalmente conhecidos, que viajavam pelo mundo para promover sua causa, até os comandantes dos batalhões em terra na Faixa de Gaza, o Hamas perdeu quase todas as suas figuras importantes. Em julho do ano passado, Israel assassinou o poderoso líder do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerão.

Três meses depois, o sucessor de Haniyeh, Yahya Sinwar, foi morto nas ruínas de uma casa em Rafah. Apesar da perda dessas figuras destacadas e de milhares de membros do seu braço armado, o grupo continuou lutando, recrutando uma nova geração de jovens combatentes radicalizados e dividindo-se em pequenas células, com a intenção de realizar operações de guerrilha relâmpago. Mas, em outubro de 2025, o Hamas é uma pálida sombra da organização que perpetrou os atentados de 7 de outubro de 2023. Os líderes actuais são menos conhecidos e, basicamente, detêm pouca experiência política. Ezzedine al-Haddad, de 55 anos, dirige o conselho militar de cinco membros, que comanda o braço armado do Hamas, as brigadas Izz al-Din al-Qassam.



Muitas das principais figuras militares e políticas do grupo foram mortas. Da esquerda para a direita: Ismail Haniyeh, Yahya Sinwar, Mohammed Deif (1965-2024) e o xeque Ahmed Yassin (1936-2004).

Fora da Faixa de Gaza, entre os remanescentes da liderança política do grupo, encontram-se Khaled Meshaal (que foi alvo de uma tentativa fracassada de assassinato na Jordânia em 1997, por parte de Israel), Khalil al-Hayya e Muhammad Darwish. Acredita-se que todos eles tenham escapado da morte no dia 9 de setembro, quando jatos israelenses atacaram um edifício em Doha, no Qatar, onde os líderes se reuniam para discutir as últimas propostas de cessar-fogo dos Estados Unidos.

## 'Cansado da guerra'

Apesar da violência que ainda atinge a Faixa de Gaza, o ex-assessor do Hamas Ahmed Yousef afirmou que o grupo está cansado da guerra. Sem mencionar directamente o ataque de 7 de outubro de 2023, ele descreveu a causa da guerra como um "erro terrível", destacando que é preciso adoptar um "enfoque diferente". "Tenho conversado com muitos deles e me disseram que não têm mais interesse em governar Gaza", destaca ele. "Mas o Hamas tem mais de 100 mil membros e essas pessoas não irão desaparecer."

Yousef indica que o Hamas tenta renovar sua imagem para continuar desempenhando um papel político no futuro. Ele compara este processo com a transição do Congresso Nacional Africano, das guerrilhas para o governo político pós-apartheid na África do Sul. "Se amanhã houver eleições, estou certo de que o Hamas adotará nomes diferentes", explica ele, "para dar a impressão de ser mais pacífico e estar mais disposto a participar da vida política." "A violência não fará parte de nenhum partido político", segundo Yousef. Mas Milshtein duvida. Para ele, "mesmo se for estabelecido um novo regime local em Gaza, o Hamas será o grupo dominante — nos bastidores, é claro".

O desarmamento é ainda menos provável, acredita Milshtein. Ele prevê uma nova guerra em Gaza nos próximos cinco anos. Mas, para Ami Ayalon, ex-chefe do Shin Bet, Israel deveria encontrar outra forma de enfrentar seu inimigo. "A menos que derrotemos a ideologia, eles irão prosperar", afirma ele. "A única forma de derrotá-la é criar e apresentar ao povo palestino e israelense um novo horizonte. Um horizonte de dois Estados." No momento, este horizonte não existe, o que pode fazer com que a previsão de Milshtein seja mais provável do que a ideia de Ami Ayalon, de um futuro compartilhado. Mas o Hamas, por mais debilitado que esteja, está longe de ter se esgotado. E, de uma forma ou de outra, Israel poderá precisar lidar com ele por algum tempo. **Fonte-BBC-News Brasil.**

## Política real dita a mudança do papel da Rússia no mundo árabe



**Zaid M. BELBAGI**

**26 de outubro de 2025**



**Na semana passada, Vladimir Putin estendeu o tapete vermelho para o presidente interino da Síria, Ahmad Al-Sharaa.**

Na semana passada, Vladimir Putin estendeu o tapete vermelho para o presidente interino da Síria, Ahmad Al-Sharaa. Durante anos, Al-Sharaa lutou para derrubar Bashar Assad, apoiado pela Rússia. Agora, Putin recebeu de braços abertos o homem que derrubou seu aliado regional mais próximo, enquanto Assad permanece escondido em algum lugar da capital russa, que recebeu asilo depois de fugir da Síria em dezembro passado. Dias antes da visita de Al-Sharaa, Moscou havia adiado sua cúpula russo-árabe depois que apenas dois dos 22 líderes convidados confirmaram sua presença. O Kremlin viu a cúpula como uma das iniciativas de política externa mais importantes do ano, uma chance de sinalizar que a Rússia ainda tem apoio e influência em todo o mundo

árabe. As cadeiras vazias contam uma história diferente e as boas-vindas de Al-Sharaa demonstram a aceitação da Rússia, embora relutante, da política real. Na reunião, o presidente sírio deixou claro que seu governo busca "restaurar e redefinir" o relacionamento em novos termos que respeitem sua soberania e independência. Moscovo, apesar de sua lealdade ao antigo regime, optou por garantir a continuação do relacionamento "especial" dos dois países.

A Rússia também tentou bajular os árabes com uma retórica cada vez mais afiada sobre Israel, no que parece ser um esforço para minar os EUA em um momento crucial para a política do país no Médio Oriente. Mas o Kremlin não conseguiu expandir o papel diplomático da Rússia. Os países árabes parecem preferir a abordagem transacional do presidente dos EUA, Donald Trump, e os resultados concretos, que culminaram no acordo de cessar-fogo deste mês entre o Hamas e Israel, em vez da retórica e do simbolismo. As lutas diplomáticas de Moscovo são agravadas por crescentes restrições militares, forçando uma mudança de sua política expansionista de longa data para uma de preservação. As negociações da semana passada com Al-Sharaa seguiram o término do governo sírio de um tratado que concedia à Rússia uma presença militar de longo prazo em Tartus. Entregar suas bases na Síria seria devastador para a Rússia na região – tanto que o ministro das Relações Exteriores, Sergey Lavrov, indicou que Moscovo está disposta a reestruturar a missão de um papel militar para um papel multifuncional, sugerindo até mesmo um "centro de logística humanitária". A sugestão representa um afastamento significativo da abordagem tradicional da Rússia e uma enorme concessão tática. Em conjunto, a capacidade operacional do Grupo Wagner entrou em colapso. A decapitação da liderança, grandes derrotas, desvio de recursos para a Ucrânia e retirada de frentes importantes, incluindo Sudão e Mali, deixaram o país operando com pessoal reduzido em uma área geográfica mais estreita. Os recursos desviados para a Ucrânia e a reputação prejudicada da Rússia como provedor de segurança confiável forçaram Moscovo a abandonar suas aspirações de liderança regional. Em vez disso, está se concentrando em relações bilaterais onde oferece valor único, no que parece ser um reconhecimento de suas capacidades limitadas. Sua política no mundo árabe agora busca construir influência por meio de infraestrutura de longo prazo e projectos industriais que criam dependências mútuas.

No Marrocos, uma comissão intergovernamental conjunta cobriu na semana passada agricultura, energia, transporte, educação e turismo, enquadrada como uma "nova dinâmica estratégica". As conversações de alto nível renovaram os acordos de pesca e exploraram oportunidades de investimento. Monumentalmente, no Sahara Ocidental, a Rússia sinalizou pela primeira vez sua potencial abertura para apoiar a proposta de autonomia.

No Sudão, a Rússia está protegendo uma base naval no Mar Vermelho como uma protecção contra o futuro incerto de suas operações na Síria. A base abrigaria até 300 soldados e quatro navios da Marinha, incluindo embarcações movidas a energia nuclear. Doze por cento do comércio global passa pelo Mar Vermelho, tornando o Porto do Sudão bem posicionado para projecção de poder. A Rússia tem procurado este ponto de apoio há mais de uma década, inicialmente através dos laços do Grupo Wagner com as Forças de Apoio Rápido, depois pivotando-se para apoiar as Forças Armadas sudanesas, que controlam a costa, em troca de acesso à base. O Egipto continua fortemente dependente da Rússia. Em maio, os dois países assinaram um acordo estabelecendo uma zona industrial russa no Canal de Suez. O projecto de energia nuclear de El-Dabaa cria

uma profunda dependência tecnológica da experiência russa para o fornecimento de combustível, manutenção e treinamento operacional. A cooperação nuclear é notoriamente pegajosa. Uma vez comprometidos com a tecnologia de reactores russos, os países normalmente permanecem presos aos ciclos de combustível russo durante a vida útil de mais de 60 anos da instalação.

O Egipto foi responsável por 19% das exportações de armas russas em 2020-24, tornando-se um dos clientes de defesa mais significativos do país. No entanto, também recebe US \$ 1,3 bilhão em ajuda militar dos EUA anualmente e tem sido a pedra angular da estratégia dos EUA para o Médio Oriente desde os Acordos de Camp David. As compras históricas de sistemas russos que complementam em vez de substituir o equipamento dos EUA funcionaram como uma cobertura. Mas relatos de possíveis compras de caças Su-35 podem cruzar uma linha vermelha com Washington, já que a aeronave avançada comprometeria a tecnologia militar dos EUA se os sistemas russos e americanos operassem em ambientes integrados.

A Rússia também está alavancando estruturas institucionais para ajudá-la a exercer influência na região. A adesão do Egipto, dos Emirados Árabes Unidos e do Irão ao BRICS aumenta significativamente o peso económico e político do bloco, já que seu produto interno bruto colectivo agora ultrapassa US\$ 16 trilhões, com uma população de mais de 2,5 bilhões. Quando Putin assumiu a liderança rotativa em 2024, ele enfatizou o compromisso do grupo em fortalecer o multilateralismo para o desenvolvimento global equitativo. A expansão foi apresentada como o prenúncio de uma ordem mundial pós-ocidental na qual a "maioria global" é finalmente fortalecida. Em 2025, essa narrativa soa vazia, dados os sucessos recentes e contínuos do governo Trump. No entanto, a OPEP + oferece outro fórum onde a Rússia coordena com os países do Médio Oriente e do Norte de África a política de petróleo, mantendo a influência diplomática por meio da colaboração contínua. A abordagem da Rússia em relação ao mundo árabe reflecte uma recalibração necessária impulsionada menos por parceria ideológica, poder de convocação e capacidade militar. Moscovo agora conta com capacidades de nicho em equipamentos militares e tecnologias nucleares, bem como participação em fóruns multilaterais, para reforçar seus laços com nações do Médio Oriente e Norte de África.

Os Estados da região, por sua vez, veem cada vez mais a Rússia como uma ferramenta útil de protecção e alavancagem com o Ocidente. Esse papel diminuído, mas persistente, é aquele que Moscovo pode sustentar de forma realista. A disposição da Rússia de trabalhar com qualquer nação em quaisquer termos ideológicos garante que ela mantenha a relevância, mesmo que sua influência regional diminua.

**Zaid M. Belbagi** é comentarista político e consultor de clientes privados entre Londres e o Conselho de Cooperação do Golfo. X: @Moulay\_Zaid.

**Isenção de responsabilidade:** A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA  
NACIONAL DE ANGOLA  
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas  
alcançadas, construindo um futuro melhor